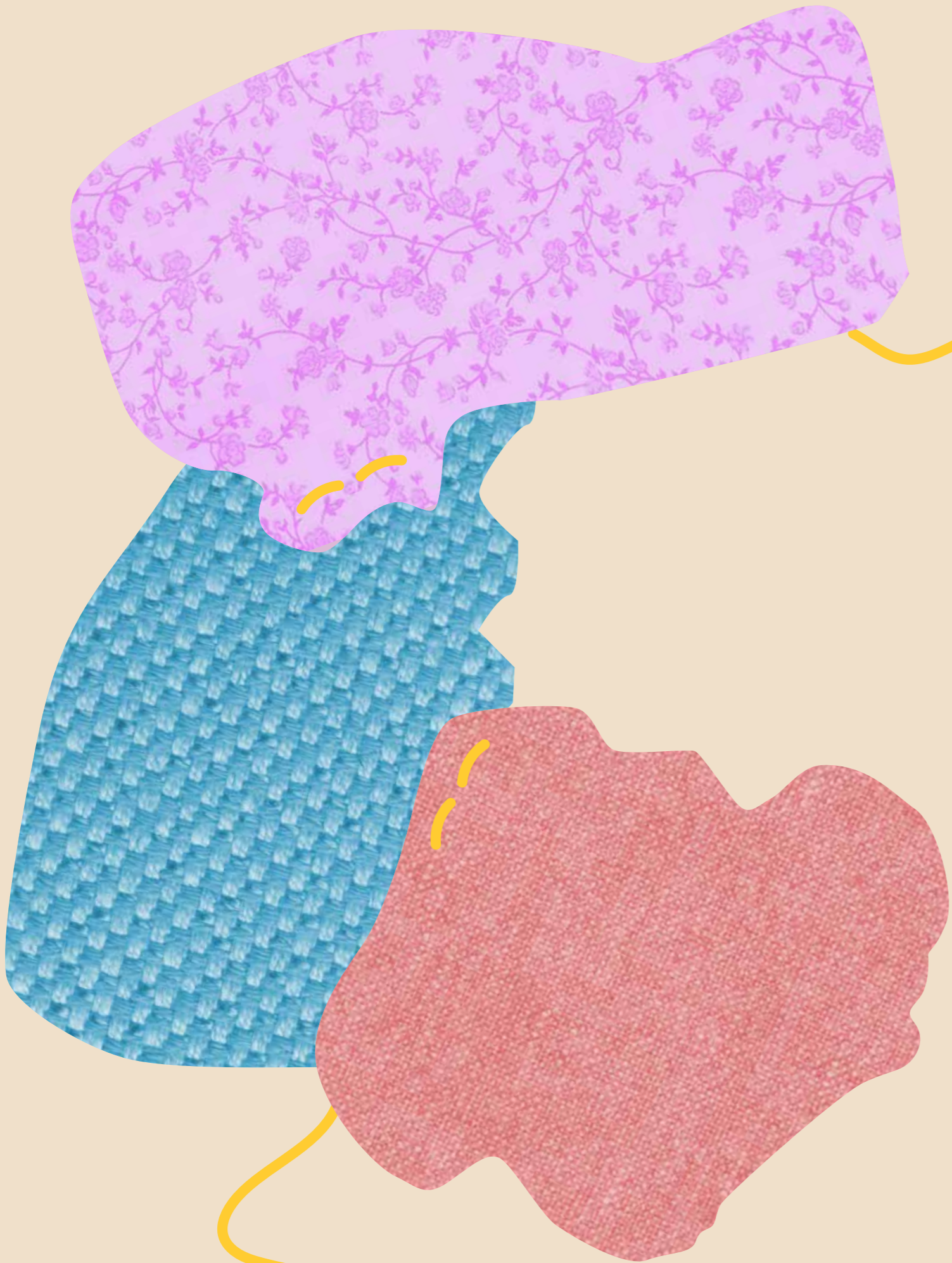


A thick yellow line representing a thread, starting from the top, looping around the text, and ending in a dashed tail on a yellow sticky note at the bottom right.

Vidas em Costura

ROTEIRO EDUCATIVO



Vidas em Costura

ROTEIRO EDUCATIVO

1ª edição • São Paulo • 2023

Este material foi viabilizado pelo Programa Estadual de Apoio à Cultura do Estado de São Paulo (ProAC 31896), por meio da Secretaria Estadual de Cultura, Economia e Indústria Criativa do Governo do Estado de São Paulo, com patrocínio da C&A, apoio do Instituto C&A e realização do Museu da Pessoa.

Apoio



Patrocínio



Realização



ROTEIRO EDUCATIVO VIDAS EM COSTURA

Elaboração de conteúdos **Cultura Escrita [Alessandra Corá e Daniella Barroso]**

Supervisão **Sônia Helena Dória London, Lucas Torigoe**

Edição e revisão **Alessandra Corá**

Revisão **Sílvia Balderama Nara**

Projeto gráfico e editoração **Mariana Afonso**

Desenhos **João Pinheiro**

PROJETO VIDAS EM COSTURA

Realização **Museu da Pessoa**

Coordenador de projetos **Renato Herzog**

Coordenador de pesquisa **Lucas Torigoe**

Pesquisadoras **Luiza Gallo Favareto, Grazielle Pellicel**

Curadoria **Marcus Aurelius Pimenta, Lucas Lara**

Assistência de pesquisa **Bruna Ghirardello**

Captação e edição de vídeo **Little Stories**

Produção **Ane Alves**

EQUIPE EXECUTIVA

Curadora **Karen Worcman**

Diretor executivo **Marcos Terra**

Relações institucionais e governamentais **Rosana Miziara**

Museologia **Lucas Lara, Felipe Rocha, Renata Pante, Fabiana Neves da Silva, Beatriz Alves,**

Davi Moyano, Leonardo S. Sousa, Teresa Carvalho, Natália Santiago e Anna Russier

Colaboração **Marcela Lanza Tripoli, Marcia Trezza, Sônia Helena London, Sofia Tapajós,**

Jonas Samaúma, Aline Scolfaro e Luciana Ribeiro

Museu digital **Odilon Gonçalves, Amanda Lira, Isadora Catem Santos, Carolina Andrade,**

Ariane Permonian, Leandro Almeida e Thiago Magalhães

Gestão e operação **Ricardo Vilardi, Allan Russo Fava, Dalci Alves da Silva, Erika Viana Santos,**

Eduardo Valente, Renato Herzog, Lucas Torigoe e Ane Alves

INSTITUTO MUSEU DA PESSOA

Associados **Ana Wilhelm, Carla Nóbrega, Carlos Seabra, Carolina Misorelli, Celia Picon,**

Cláudia Leonor, Daniela de Rogatis, Elza Lobo, Fernando Von Oertzen, Heloísa Nogueira,

Immaculada Prieto, Iris Kantor, José Matos, José Mauger, Karen Worcman, Luiz Egypto,

Marcia Trezza, Maria Francisca Passos, Mauro Malin, Roberto da Silva, Rosali Nunes,

Rosana Miziara, Sandra Sinicco, Sergio Ajzenberg (in memoriam), Sonia London,

Silvia Carvalho e Zilda Kessel

Conselho Consultivo **Alberto Dines (in memoriam), Celia Picon, Danilo Miranda (in memoriam),**

Eliezer Batista (in memoriam), Lisandra Alves, Octavio Barros, Paul Thompson, Paulo Nassar,

Roberto da Silva, Tom Gillespie e Wellington Nogueira

Conselho de Gestão **Beatriz Azeredo, Carla Nóbrega, Gustavo Gonzaga e Tiago Lara**

Conselho Fiscal **José Mauger, Leandro Salatti e Maria Francisca Passos**

Comitê de Compliance **Cynara Reinert, José Mauger, Luiz Egypto e Maria Francisca Passos**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vidas em costura [livro eletrônico] : roteiro educativo / [elaboração de conteúdos Alessandra Corá e Daniella Barroso]. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2023.
PDF

ISBN 978-85-60505-60-9

1. Educação (Ensino fundamental) 2. Moda - Estilo 3. Indústria têxtil 4. Vestuário I. Corá, Alessandra. II. Barroso, Daniella.

23-182249

CDD-372.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino fundamental : Educação 372.41

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



EDUCADOR, EDUCADORA,

Este roteiro foi pensado para abordar temas relacionados à moda, ao vestuário e à indústria têxtil como forma de representação das pessoas, dos grupos ao longo das gerações.

Esperamos contribuir com novas histórias e relatos de vida que enriqueçam o tema deste roteiro.

Compartilhe sua experiência conosco!

SUMÁRIO

Como usar este roteiro educativo 08

Contextualizando 10

Os relatos de vida 12

Roteiros de trabalho 14

Roteiro – 1 Boneco de vestir 17

Roteiro – 2 Provador virtual 30

Roteiro – 3 Galeria compartilhada 44

COMO USAR ESTE ROTEIRO EDUCATIVO

Este material é composto de propostas articuladas em torno do cenário da moda e da costura e o universo têxtil, com propostas on-line.

As propostas foram organizadas no que chamamos de roteiros de trabalho, cuja dinâmica vem sendo apresentada nos materiais educativos desenvolvidos em parceria entre a Cultura Escrita e o Museu da Pessoa. Eles podem ser desenvolvidos em conjunto com outros materiais, seja na escola ou em projetos educativos, de forma a ampliar o repertório dos estudantes.

Os roteiros foram estruturados da seguinte maneira:

- Roteiro
- Assunto a ser abordado
- Encaminhamento – Desenvolvimento da proposta
- Explorando os relatos de vida – Relação entre as histórias pessoais e os temas estudados
- Fechamento – Sistematização do que foi estudado

Cada roteiro traz trechos de relatos de experiências reais que remetem a algumas das temáticas abordadas, acompanhados de links para que você possa acessá-los integralmente caso deseje ampliar a proposta.

Este código QR permite o acesso à coleção de relatos do acervo do Museu da Pessoa selecionados para este projeto.



CONTEXTUALIZANDO

O Museu da Pessoa, um museu virtual, aberto e colaborativo fundado em 1991 na cidade de São Paulo, dedica-se a registrar, preservar e disseminar as histórias de vida das pessoas. Sua premissa é a de que a história de toda e qualquer pessoa tem valor e deve ser considerada parte da memória social. Com a missão de transformar a história de cada pessoa em patrimônio da humanidade, tornando as narrativas em fontes de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas, a instituição foi, desde o seu início, concebida para ser um museu virtual de relatos pessoais.

Assim, o Museu da Pessoa e o Instituto C&A se uniram para propor um projeto de fomento à difusão e à valorização da cultura da moda e de suas histórias de vida.

As propostas aqui apresentadas estão alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que apresentam 17 metas globais a serem atingidas até 2030 (as metas podem ser consultadas no [site https://brasil.un.org/pt-br/sdgs](https://brasil.un.org/pt-br/sdgs); acesso em: 30 set. 2023).



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Estão previstas ações mundiais nas áreas de erradicação da pobreza, segurança alimentar, agricultura, saúde, educação, igualdade de gênero, redução das desigualdades, energia, água e saneamento, padrões sustentáveis de produção e de consumo, mudança do clima, cidades sustentáveis, proteção e uso sustentável dos oceanos e dos ecossistemas terrestres, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura, industrialização, entre outros.

No *site* há indicadores para cada um dos objetivos e metas mais específicas que podem ser utilizadas no encaminhamento das investigações com os alunos. Destacamos, a seguir, três objetivos:

8. Trabalho decente e crescimento econômico.

9. Indústria, inovação e infraestrutura.

12. Consumo e produção responsáveis.

Os roteiros buscam apoiar o trabalho voltado para a reflexão sobre a economia, valorizando o mundo do trabalho, com temas contemporâneos transversais, incentivando o trabalho com os alunos de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

OS RELATOS DE VIDA

Por que trabalhar com relatos de vida?

Nossa concepção e ideia de mundo está relacionada com nossas vivências, experiências e tudo o que conhecemos ao longo de nossa vida. Assim, as histórias constituem uma rica fonte de informação e (por que não?) de inspiração.

Cada pessoa tem uma narrativa própria, que compõe sua história de vida. Essa narrativa vai se construindo pelas experiências mais significativas, que, de certa forma, se tornam marcos em suas memórias.

Os relatos apresentados no material são, na verdade, a seleção de pequenos trechos relacionados aos temas tratados; o texto na íntegra é mais profundo e rico. Por isso, sempre que achar pertinente, sugerimos que consulte o relato completo, selecione outros trechos para compartilhar com os alunos e explore os relatos em áudio e vídeo. Para isso, basta acessar o código QR ao lado de cada relato.

Ressaltamos que o trabalho com os relatos de experiências vividas por diferentes pessoas é muito potente no ambiente escolar, pois incentiva os alunos a construir suas próprias histórias de vida, a valorizarem as histórias de pessoas locais e, inclusive, a confrontarem suas histórias com realidades diferentes da que conhecem, a fim de transformá-la.

Uma boa conversa é uma estratégia eficiente para explorar os roteiros e os relatos. Ajude os alunos a estabelecerem relações entre o que acontece na realidade local e os relatos, reconhecendo o que tem similaridade ou o que diverge; incentive-os a relatarem suas experiências vividas, bem como a prestarem atenção nos relatos daqueles com quem convivem.

Em relação a fortalecer comunidades por meio da moda, promova o resgate e a valorização de práticas locais de apropriação do vestuário como forma de pertencimento a um grupo, geração e como prática de empreendimento social.

ROTEIROS DE TRABALHO

As propostas desenvolvidas nos roteiros de trabalho contribuem para o desenvolvimento das seguintes competências gerais para a Educação Básica estipuladas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

BNCC

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Sobre a questão da tecnologia com impacto no vestuário, a BNCC destaca que:

A contemporaneidade é fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Tanto a computação quanto **as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes na vida de todos**, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente. Isso denota o quanto o mundo produtivo e o cotidiano estão sendo movidos por tecnologias digitais, situação que tende a se acentuar fortemente no futuro. Essa constante **transformação ocasionada pelas tecnologias, bem como sua repercussão na forma como as pessoas se comunicam, impacta diretamente no funcionamento da sociedade e, portanto, no mundo do trabalho. A dinamicidade e a fluidez das relações sociais – seja em nível interpessoal, seja em nível planetário – têm impactos na formação das novas gerações.** É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. (BRASIL, 2018, p. 473).

Para dar conta dessas questões, os roteiros apresentam a integração de disciplinas, de acordo com a BNCC, em uma abordagem interdisciplinar. O tema da moda e expressão cultural pode ser integrado, abrangendo múltiplas disciplinas e competências. Ele ajuda a promover uma educação mais abrangente e conectada com a realidade dos alunos, permitindo que eles explorem a moda como uma janela para entender a sociedade, a cultura e a identidade.

Isso permite que os alunos analisem a moda sob diferentes perspectivas, desde a análise sociológica das práticas sociais até a exploração criativa das artes e a consideração das implicações éticas da moda na sociedade contemporânea.

ROTEIRO 1 EXPLORANDO A MODA E A EXPRESSÃO CULTURAL BONECO DE VESTIR

Nas sociedades urbano-industriais, a moda desempenha um papel crucial, intrinsecamente ligado ao consumo.

Muitas vezes, sua importância como forma de expressão cultural é obscurecida por sua forte associação ao consumo. No entanto, é essencial entender que a moda vai além do vestuário; ela reflete as complexidades da sociedade.

Em tese defendida na década de 1950, a socióloga Gilda de Mello e Souza argumenta que a sociedade europeia do século XIX, vivendo repercussões da vida em metrópole, usa a moda para “informar” distinções sociais, ou seja, trata-se de cuidar da aparência, daquilo que informa aos outros, os desconhecidos, que se é distinto dele ou seu semelhante. Em uma vida urbana cada vez mais marcada pela segregação socioespacial, a moda ocupa-se de proporcionar distinção social.

Numa sociedade em que as pessoas se confundem a todo momento nos lugares públicos e os grupos se substituem com extraordinária rapidez, o olhar apurado tem de distinguir a *femme comme il faut* da burguesa, o aristocrata rico do homem rico das finanças, e mesmo a nobreza antiga da nobreza do Império.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezanove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996., p. 137.

Neste trecho do livro da socióloga, temos, para além das distinções de classe e/ou segmento social, a marcação de gênero. A moda é um elemento muito mobilizado em sociedades urbano-industriais para distinguir mulheres e homens – basta observar a insistência de pais e mães em utilizar adornos nas bebês para inferir que se trata de uma sociedade que valoriza essa demarcação desde o nascimento.

Este roteiro propõe que os alunos mobilizem muitos de seus saberes para pensar o que se pode inferir a respeito das pessoas por meio da leitura de suas roupas, seus calçados e até mesmo seus acessórios. O objetivo principal é reconhecer o vestuário como objeto industrial ou artesanal e também como um elemento de expressão cultural. Nossa proposta didática é que os alunos se experimentem como

figurinistas: eles podem utilizar um texto literário pronto ou criar seus próprios textos e, assim, elaborar os figurinos dos personagens, de maneira a revelar quem são por meio do vestuário.

Os roteiros apresentam uma abordagem interdisciplinar que explora a moda como uma forma de comunicação social, cultura e identidade, envolvendo mais de um componente curricular. São eles:

História

Na disciplina de História, a BNCC destaca a necessidade de compreender as transformações sociais e culturais ao longo do tempo. A moda, como uma expressão cultural em constante evolução, é um excelente ponto de partida para explorar essas transformações. Os alunos podem estudar como as tendências de moda se desenvolveram ao longo da história e como influenciaram a sociedade.

Artes

A disciplina de Artes é diretamente relevante para a exploração da moda como forma de expressão cultural. A BNCC enfatiza a importância de desenvolver a sensibilidade estética, a criatividade e a expressão individual. Os alunos podem criar seus próprios projetos de moda, explorando conceitos artísticos e estilísticos.

Língua Portuguesa

A BNCC em Língua Portuguesa destaca a importância da leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais. Os alunos podem ler textos literários que descrevem personagens com base em suas vestimentas, analisando como a moda é usada na literatura para caracterização.

Ciências Humanas

A BNCC em Ciências Humanas, que englobam História, Geografia e Sociologia, incentiva a compreensão de questões sociais, culturais e ambientais. A moda é um campo que abrange todas essas áreas, permitindo que os alunos explorem como a moda afeta e é afetada por questões sociais, econômicas e ambientais.

Ciências da Natureza

As Ciências da Natureza, que englobam disciplinas como Biologia, Física e Química, podem ser integradas ao tema da moda e expressão cultural ao se abordar a sustentabilidade na indústria da moda. A BNCC destaca a importância de compreender as interações entre a sociedade e o ambiente natural.

Ao explorarem a moda sustentável, os alunos podem analisar como a produção de roupas afeta o meio ambiente, desde o cultivo de matérias-primas até o descarte de peças. Eles podem investigar como práticas sustentáveis, entre elas o uso de tecidos reciclados e materiais orgânicos, contribuem para a redução do impacto ambiental na indústria da moda.

Além disso, os alunos podem examinar o ciclo de vida das roupas e considerar como a moda sustentável promove o uso responsável e a reutilização de roupas, evitando o desperdício.

A integração das Ciências da Natureza com o tópico de sustentabilidade na indústria da moda proporciona uma compreensão abrangente de como as práticas humanas, como a produção e o consumo de moda, impactam o meio ambiente. Isso capacita os alunos a considerarem não apenas as dimensões sociais e culturais da moda, mas também sua relação com a natureza e as implicações ambientais. Além disso, a discussão sobre a moda sustentável promove a conscientização sobre a importância de práticas responsáveis na indústria da moda.

QUESTÃO DISPARADORA

O que as roupas, os calçados e os acessórios podem nos informar a respeito da identidade de uma pessoa?

ENCAMINHAMENTO

Comece com a questão disparadora para envolver os alunos. Eles podem compartilhar seus conhecimentos prévios sobre o tema. Como a moda e o vestuário estão no centro do relato deste roteiro, pode ser interessante indagar aos estudantes se eles já pensaram sobre as roupas que usam, como elas são feitas, quais materiais são usados etc.

Em seguida, exiba fotografias de estudantes em outros períodos históricos, de maneira que possam observar semelhanças e diferenças. Nossa sugestão é que o uniforme escolar seja explorado como um exemplo de experiência uniformizante da expressão individual, de maneira que os alunos possam refletir a respeito da eficiência dessa ação, ou seja, se ela realmente eclipsa as expressões individuais.

O uniforme escolar é um elemento da escola como a conhecemos desde sua formação, no século XIX, portanto os discursos atuais que o legitimam como um item de segurança, que identificaria os estudantes fora do espaço escolar e/ou que possibilitaria observar pessoas que não são estudantes dentro dele, são novos significados construídos recentemente. Cabe, assim, propor que os próprios alunos elaborem suas hipóteses a respeito da(s) razão(ões) para que ainda hoje o uso dessa peça de vestuário faça sentido para muitas pessoas, ainda que a uniformização das expressões individuais contrarie a democratização da sociedade.



EXPLORANDO RELATOS DE VIDA

Explique que, ao longo das propostas, vamos conhecer alguns relatos pessoais documentados em projetos realizados pelo Museu da Pessoa. A ideia é, por meio desses relatos, ampliar a visão de mundo que os alunos têm e a realidade que conhecem, apresentando pontos que podem ser discutidos.

Para este roteiro, sugerimos o contato dos alunos com quatro relatos de adultos que trabalham na indústria da moda, como criadores de moda e estilistas. Os relatos podem estimular discussões sobre questões como a padronização de corpos na indústria, a sustentabilidade e a evolução das tendências de moda.

Relato 1

Neste relato, a estilista Vicenta Perrotta questiona para quem é dirigida a produção de moda industrial.



Então, por exemplo: dentro do pacto do consumo... o pacto do consumo é pra quem, da moda? É pra quem é magra, pra mulher magra, é pra uma mulher cis magra, pra mulher cis Eva. É pro homem cis Adão. É pra família. Você vê ali, são coisas que geralmente estancam as personalidades do indivíduo, estancam o indivíduo, desaparece o indivíduo, ali, quando você compra uma roupa industrializada.

[...]

Eu faço hoje roupa pra você pegar ônibus. De mudança de estrutura molecular, mesmo. De mudar a maneira do seu dia-a-dia. Muitas vezes parece que é uma roupa especial e é, de fato, mas não nesse lugar do especial do exótico, porque muitas vezes as pessoas falam: 'Não é roupa de desfile'. Não entende a roupa, porque o cognitivo é óbvio que não vai entender; mas é isso: o que ela vai impactar em cima do que ela está gerando enquanto um objeto que está propondo um processo de mudança molecular mesmo, tipo você vestir aquilo e aquilo te dar uma reação, você começar a pensar.

Disponível em: <https://x.gd/HuBTA>

Relato 2

Neste relato, o produtor cultural **André Hidalgo** resalta a questão dos corpos valorizados na indústria da moda, em especial aqueles que farão parte dos desfiles de moda.



A moda, em geral, mundial, nem só do Brasil, ainda é muito fechada e vive de evoluções e retrocessos o tempo inteiro. Então, ela evolui numa série de questões, de coisas e, quando você vai ver vai, ter um retrocesso. Então, se a gente for olhar as últimas temporadas internacionais, as modelos voltaram, todas, a ser supermagras, súper aquele padrão de beleza clássico, digamos assim, que é um retrocesso mesmo, porque a gente já tinha conquistado essa amplitude de corpos, isso já estava se refletindo nos desfiles e tal, mas aí a moda vai lá de novo e tem isso.

Disponível em: <https://x.gd/9fw78>

Relato 3

O estilista **Sandro Freitas** destaca o reaproveitamento de tecidos para a criação de linhas de roupas em sua empresa, algo que interessa a mais e mais pessoas.



Além das pesquisas que a gente sempre faz, eu, como Sandro Freitas, enquanto Berimbau [empresa criada por ele], a gente também criou alguns workshops e oficinas nas quais a gente compartilha com o público em geral, interessado em aprender mais sobre esse universo do conceito de sustentabilidade dentro da moda, um pouco do nosso processo criativo dentro do nosso ateliê, como são feitos os nossos produtos, como se fosse uma experiência que a gente cria pras pessoas, de como ter uma vivência dentro do nosso ateliê.

A sustentabilidade está desde a produção da confecção dos nossos produtos, até a embalagem. Na confecção dos nossos produtos, a gente tem linhas que não são totalmente sustentáveis e linhas que são totalmente sustentáveis. A linha dos acessórios, sobretudo, é toda sustentável. A gente utiliza resíduos de outras coleções pra desenvolver outros tecidos e outras bases, pra poder construir bolsas, acessórios, chapéus e até jaquetas.

Os nossos tecidos são adquiridos por meio dos nossos fornecedores; a gente tem alguns que já fazem parte dessa nossa região há um tempo e outros também vêm por meio de doações de terreiros, que trabalham muito com tecidos africanos; doações de empresas maiores, que têm uma demanda grande de descarte de resíduo.

Disponível em: <https://x.gd/tUoBA>

Converse com os estudantes a respeito dos relatos; nossa sugestão é ler coletivamente e, em seguida, organizar pequenos grupos para conversarem sobre os assuntos abordados. Algumas questões podem ajudá-los nessa conversa. Sugerimos a seguir um roteiro:

- O que vocês entendem por “indústria da moda”? As roupas produzidas pela indústria cabem em todos os corpos? Somos nós que temos de fazer caber nossos corpos nas roupas industriais ou elas se ajustam a cada corpo?
- “Não tem roupa que fique elegante em um corpo gordo.” “Como a roupa vai ter bom caimento se a pessoa é gorda?”, “Aqui na loja não tem roupa para gordo.”... essas são falas que circulam socialmente o tempo todo e expressam um tipo de preconceito bastante difundido no mundo: a gordofobia. Você alguma vez já expressou esse preconceito? Por que a indústria da moda exclui corpos gordos? Você conhece pessoas gordas que usam a moda para se expressar? Como elas se vestem?
- A “indústria da moda” influencia a nossa expressão individual? Já aconteceu de você confundir pessoas na rua porque estavam vestidas com roupas parecidas? É possível ter uma expressão individual usando peças de roupas, calçados e acessórios industriais?
- Para onde vão os tecidos depois que já não usamos mais as roupas? Os tecidos são recicláveis? O que acontece quando o tecido se decompõe? Por que confeccionar roupas com sobras de tecidos de outras produções é uma ação sustentável para o meio ambiente?

Ao final das conversas, proponha que cada grupo escolha um trecho do debate para apresentar à turma. Assim, pode-se observar quais assuntos mais chamaram atenção dos grupos e, com base nisso, propor um aprofundamento por meio de pesquisa.

Em lugar de pedir que os alunos apresentem os resultados de suas pesquisas, o que invariavelmente vai levá-los a reproduzir discursos sem uma reflexão, pode-se pedir que eles indiquem aos colegas um conteúdo on-line (vídeo, podcast, entrevista, quadrinho etc.) para se aprofundarem no assunto pesquisado.

FECHAMENTO

No encerramento, os alunos serão incentivados a se envolverem em uma atividade criativa. Após esse mergulho na indústria da moda, o convite é para que os assuntos abordados possam ser mobilizados de outra maneira: criando figurinos para personagens literários.

Você pode indicar a leitura de algum conto, quadrinho ou romance e propor que os alunos criem figurinos para os personagens, mas também funciona muito bem a atividade se os próprios alunos forem convidados a criar textos para pequenas cenas nas quais os personagens sejam apresentados ao público por suas vestimentas. Isso permitirá que os alunos explorem a moda como uma ferramenta de expressão e comunicação. Além disso, o exercício promoverá a reflexão e transmitirá informações sobre os personagens.

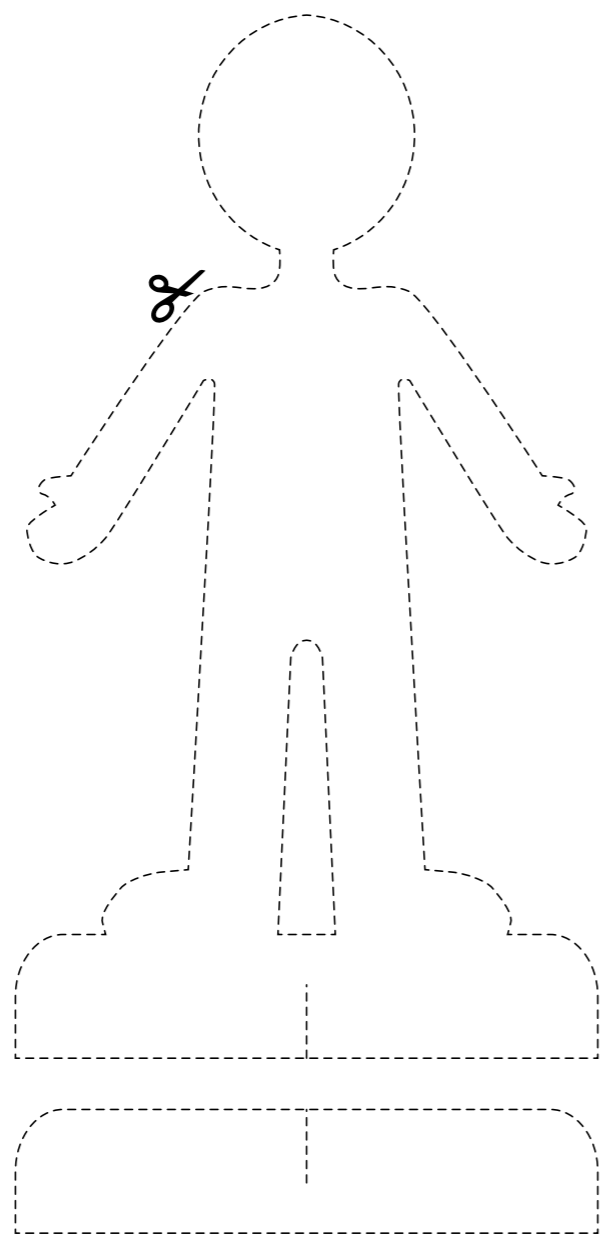
Para que eles compreendam a proposta, sugerimos realizar um exercício com toda a turma. Você leva a personagem e as peças de vestuário ilustradas a seguir e indaga os alunos a respeito de quem ela é:

- É do tempo presente? Veio do passado?
- Mora no campo ou na cidade?
- O que mais caracteriza essa pessoa?

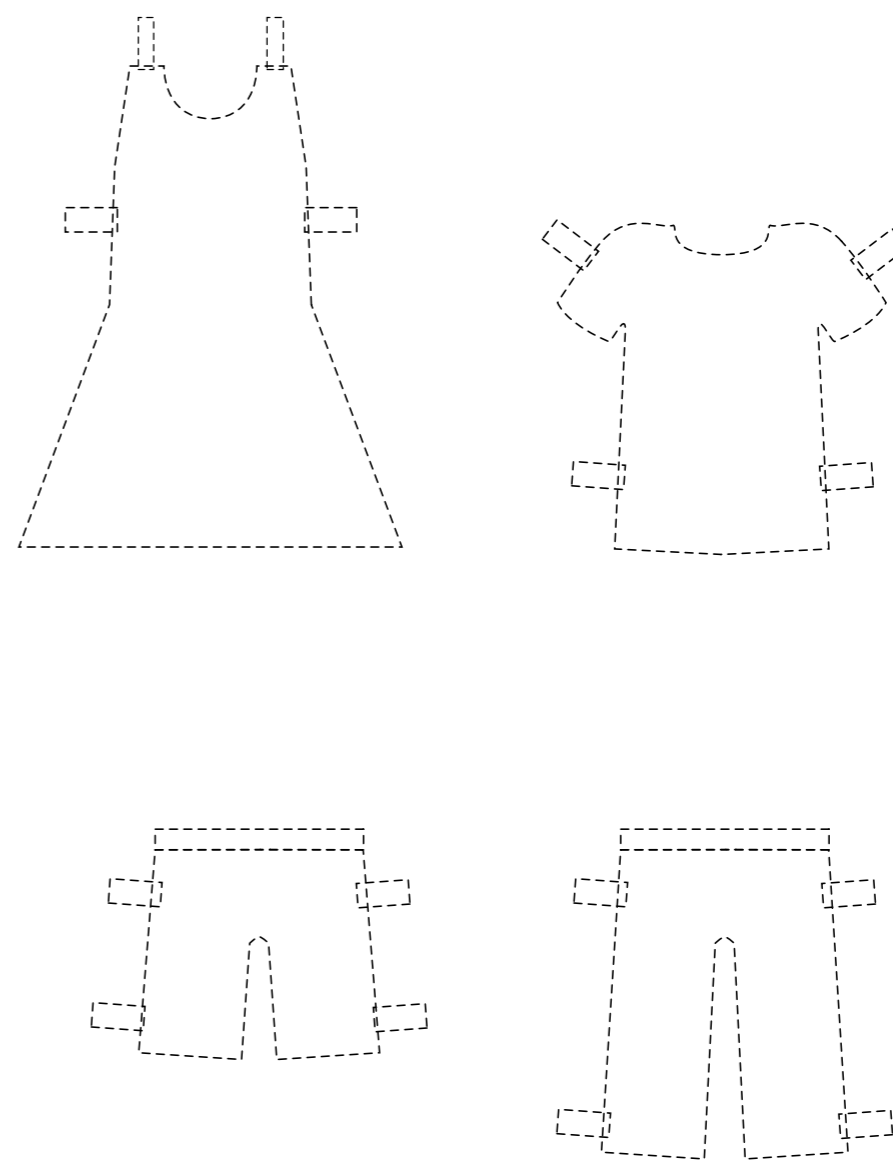
Um recurso interessante é propor que cada aluno faça uma pergunta e que todos respondam de acordo com a personagem que criaram em suas mentes.

Ao final, eles recortam o boneco e as peças do vestuário para colorir (ou montar a peça da roupa com recortes) e podem discutir o impacto das cores na comunicação das características da personagem.

Oriente os alunos quanto à proposta de criação de figurinos para personagens, observando que provavelmente alguns alunos irão reproduzir o modelo dado, criando um boneco e as roupas de "pendurar", enquanto outros seguirão mais livremente em suas produções. Reforce essa possibilidade de criação do seu boneco e das roupas. Ao final, traga os elementos presentes na produção dos alunos para discutir com o grupos, seja a questão de gênero, peças de vestuário etc.



Imprima em papel grosso para um melhor resultado.



ROTEIRO 2 PROVADOR VIRTUAL

Muitas escolas vivem situações de tensão e conflito com o que ficou conhecido como “inadequação” das roupas. Principalmente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, os adolescentes costumam reivindicar sua participação nas decisões do que é ou não aceito como regra na escola, o que inclui as vestimentas. São diversas as situações: resistência em utilizar uniforme, demanda por customização do uniforme, uso de adereços e acessórios, preferência por roupas curtas e confortáveis para enfrentar períodos de forte calor, entre outras questões. Muitas escolas reagem às reivindicações endurecendo as regras, o que por vezes esbarra em mobilização de discursos sexistas, visto que as restrições de vestuário frequentemente afetam mais as alunas.

Os regimentos escolares em geral trazem o termo “adequado” como medida para legislar sobre as vestimentas a serem usadas pelos alunos na escola. Trata-se de um juízo de valor, portanto, subjetivo. O que é adequado, afinal? E para quem é adequado? O boné é adequado para adolescentes e inadequado sob o ponto de vista de adultos, por exemplo. Se a regra de proibir boné é estabelecida, a que ponto de vista ela se alinha?

Neste roteiro, trazemos relatos que mostram como a “adequação” se realiza em tempos e lugares definidos; em outras palavras, pode ser adequado vestir-se de gótico para ir a um clube noturno, mas no dia seguinte vai-se ao trabalho numa agência bancária com calça e camisa de cores claras ou, como se diz popularmente, “neutras”. O código social de adequação das roupas, no entanto, está sempre por ser construído, já que muda ao longo do tempo.

Essa abordagem desemboca numa brincadeira com um provador virtual, que permite aos alunos experimentarem vestir diferentes roupas e acessórios em personagens de destaque na sociedade brasileira.

Este roteiro trabalha de forma interdisciplinar os seguintes componentes curriculares:

História

A História é importante para entender como as normas de vestimenta evoluíram ao longo do tempo e como a moda foi usada como um meio de expressão cultural e social. Os estudantes podem explorar as mudanças nas normas de vestimenta ao longo da história e como essas mudanças refletiram as transformações na sociedade.

Artes

A disciplina de Artes é relevante para explorar a moda como uma forma de expressão cultural. Os alunos podem criar e personalizar suas próprias roupas, explorando a criatividade e a autoexpressão por meio do design de moda.

Educação Física

A Educação Física pode ser relacionada à discussão sobre conforto e adequação das roupas em diferentes contextos, especialmente em relação à prática de atividades físicas. Isso permite que os alunos compreendam a importância das escolhas de vestuário no desempenho esportivo e no bem-estar.

Ciências Humanas:

A Geografia oferece uma perspectiva interessante ao explorar como as escolhas de vestimenta podem ser influenciadas pelo clima e pelo ambiente geográfico. Os alunos podem discutir como as roupas são adaptadas às condições climáticas e geográficas em diferentes regiões.

Já a Sociologia desempenha um papel fundamental na análise das dinâmicas sociais relacionadas ao comportamento dos adolescentes em relação à moda e às regras de vestimenta na escola. Isso permite que os alunos explorem como as normas e os valores sociais influenciam as escolhas de moda e como as demandas dos estudantes refletem uma busca por identidade e autonomia.

QUESTÃO DISPARADORA

“Com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?”

ENCAMINHAMENTO

A canção de Noel Rosa que usamos como questão disparadora traz, de forma muito eloquente, a questão da moda como expressão cultural. Nós nos preocupamos com a roupa com que vamos ao samba porque sabemos que ela informa muito sobre nosso “estado de espírito”, mas também – e talvez seja a razão principal – porque essa escolha pode implicar mais autoconfiança, conforto e/ou uma sensação de poder: essas são algumas das muitas sensações que se pode experimentar pela escolha adequada (olha o termo aqui de novo!) da roupa.

Algumas pessoas relatam que uma determinada roupa pode manifestar a imagem ou mesmo a personalidade de uma pessoa, tal é a intensidade de uma determinada sensação proporcionada por uma roupa. Isso pode acontecer quando alguém quer se sentir mais confiante, poderoso(a) ou se encaixar em um grupo específico. Essas são experiências significativas para as pessoas e isso tem muito a ver com moda.



Foto de Luís Gama com roupas formais de advogado

Ref.: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Luiz_Gama_perfil.png

Luís Gama foi uma figura importante na história do Brasil do século XIX. Era abolicionista, advogado, jornalista e poeta brasileiro. Ele nasceu escravizado em Salvador/BA e foi autodidata, aprendendo a ler e a escrever por conta própria. Com a ajuda de algumas pessoas que reconheceram seu talento e intelecto, ele conseguiu sua liberdade por meio de ações judiciais, alegando que seu pai era um cidadão brasileiro.

Ele usou seu conhecimento jurídico para libertar centenas de pessoas escravizadas, representando-as nos tribunais. Seu trabalho desempenhou um papel significativo na luta pela abolição da escravatura no país.

Luís Gama é lembrado como herói da abolição da escravatura no Brasil e defensor dos direitos humanos.

Nas representações pictóricas de Luís Gama, ele está sempre com roupas formais, próprias a sua atividade profissional como jurista. Como seria o Luís Gama em um passeio até uma cachoeira ou escrevendo seus livros? Será que ele se sentia especialmente poderoso quando vestia sua “roupa de advogado”?

Em muitas histórias de super-heróis, a roupa confere ao personagem uma sensação de poder. O caso do Clark Kent/Super-Homem é bastante ilustrativo disso: com óculos e roupas de jornalista, ele não parece tão confiante quanto nos momentos em que veste sua capa, ainda que seus superpoderes estejam sempre lá.

O ponto de partida de qualquer proposta didática precisa ser os saberes que os alunos carregam; por isso, para abordar a questão do vestuário que usam, do que acompanham, é importante passar primeiro pelo vestuário que eles conhecem. Outras questões podem ser utilizadas para essa aproximação, mas nós destacamos a questão da busca pelo significado de “adequação” porque entendemos que isso pode aproximar os estudantes dos relatos deste roteiro.

EXPLORANDO RELATOS DE VIDA

Separamos trechos de três relatos nos quais as pessoas contam como veem a relação entre moda e expressão cultural.

Relato 1

Neste relato, o estilista **Jum Nakao** conta suas experiências juvenis com a moda: ele encontrou sua “turma” por meio das vestimentas.



[O interesse pela moda surgiu] Quando eu percebi que essas plataformas tecnológicas, de você conectar as pessoas, criar comunidades já acontecia através da moda. A moda permitia que você identificasse visualmente, pela estética, a que grupo, gueto, cada pessoa pertencia. E a forma como as pessoas se vestiam era quase que o perfil, já no tipo de maquiagem, no tipo de camiseta, no tipo de acessório, demonstrava de que banda ele gostava, a que ‘mundo’ ele pertencia, que livros ele lia... Se identificava claramente pela forma como as pessoas se vestiam, antigamente. [...]

Eu me vestia como todo mundo que vai no Madame [clube noturno paulistano], todo de preto. Às vezes indo pro gótico, às vezes pro dark. E era bem interessante quando você via, encontrava pessoas fora do ambiente de trabalho, trajadas com esse avatar de outras possibilidades das vidas dessas pessoas.

Disponível em: <https://x.gd/zWU3n>

Relato 2

A antropóloga **Patrícia Sant’Anna** conta como qualquer escolha de roupa corresponde a uma expressão que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva.



No meu caso, eu sempre fui fascinada com a ideia de como as pessoas constroem a aparência delas. Isso sempre foi o que me fascinou: a ideia do que faz a gente achar uma coisa bonita. Eu sempre fui uma ‘louca’ da National Geographic, então eu lia todas as que chegavam. Data, pra mim, não era importante.

O que era importante, pra mim, era justamente poder ver aquilo, acho que por isso que a antropologia fez todo sentido na minha vida, depois, inclusive. Mas tinha muito isso, de falar: ‘Nossa, por que no interior da África, no interior da Indonésia, as pessoas se vestem e têm uma aparência tão diferente da gente? Por que essa aparência é considerada bonita por eles? Pra gente não, mas pra eles é considerado lindo’. Desde criança, eu sempre fiquei muito fascinada com essa ideia das diferenças culturais e como cada cultura desenvolve uma aparência. [...] A moda, pra mim, é isso: uma manifestação cultural das mais relevantes. Se não a mais relevante, pra pensar na vida cotidiana.

Quem fala que não ‘liga’ pra moda tem que saber o que é moda, pra falar que não ‘liga’. Então, você está todo de preto, de calça jeans, de camiseta branca... até a ideia de neutro é uma construção cultural. Então, isso, pra mim, é fascinante: perceber que, mesmo quem não quer falar, está falando [risos] alguma coisa com a sua aparência.

Então, eu acho divertidíssimo. Inclusive já dei palestras onde as pessoas falavam: 'É um absurdo isso, aquilo'. A pessoa fala, fala, fala, quando termina de falar eu falo assim: 'Você já pensou o look com que você veio aqui, pra essa palestra?' Aí 'desmonta' a pessoa na hora, porque a pessoa fala assim: 'Eu pensei, realmente' Eu falo: 'É, você não vem com qualquer roupa, pelada'. E mesmo vir pelada quer dizer alguma coisa. [risos] A ausência também é uma expressão de alguma coisa.

Disponível em: <https://x.gd/mwQCS>

- Como a experiência de ler a revista *National Geographic* pode ter influenciado a percepção de Patrícia sobre a construção da aparência em diferentes partes do mundo?
- Você já havia pensado nessa relação de escolha de roupa que você faz cotidianamente, seja para a escola ou para outras ocasiões?
- Em sua opinião, como a escolha consciente e inconsciente do vestuário reflete nossas identidades culturais e individuais?
- Como a moda se torna uma forma de comunicação mesmo para aqueles que dizem não se importar com ela?

Relato 3

Neste relato, a estilista **Mônica Anjos** conta sua predileção por uma determinada cor, que acredita expressar sua personalidade.

“



Olha, eu não sei se eu já fui diferente, mas eu tenho uma linha... sabe o clássico étnico: a mulher preta que, por mais exuberante, está sempre no linear? Eu, por exemplo, sempre gostei de cores neutras, mas eu sempre gostei de me vestir bem, no que eu acreditava que era me vestir bem.

Sempre tive uma dosagem do menos é mais e é muito interessante falar sobre identidade visual do meu projeto linkado à minha identidade e personalidade, porque, se eu pudesse, eu ficava no nude a vida inteira, no branco a vida inteira, mas isso também eu consigo conceber que é influência das cores. Ela traz pra nós, estilistas, esse lugar.

Eu conheço poucas estilistas que ousam, nesse sentido da sua identidade visual, colorir tudo. Mas eu, por exemplo, a minha identidade, se eu pudesse só usava o neutro; o nude, nas suas nuances; e o branco, por ser uma referência da cor, ou da ausência dela na religião de matriz africana, enquanto você tem que vestir branco, ou deveria, dia de segunda-feira, às sextas-feiras. Eu, se eu pudesse, usaria todos os dias e eu acho que tem a ver com a minha personalidade [...].

Disponível em: <https://x.gd/9O9Y2>

- Como a escolha de cores neutras, o branco e o nude por exemplo, está relacionada à identidade visual da estilista e como ela incorpora elementos de sua personalidade e influências culturais nessas escolhas?
- Como o uso predominante de roupas pretas pelos adeptos do estilo gótico ou emo contribui para a expressão individual e construção de identidade dentro dessa cultura?

Na conversa com os estudantes, pode ser interessante explorar o fato de que não temos a possibilidade de encontrar uma roupa que nos permita estarmos confortáveis num dia quente e também num dia frio; que nós entendemos ser “adequada” para ir à padaria e a um tribunal; que expresse nossas vontades e desejos, posto que estes mudam ao longo do tempo. Não se trata do consumismo impulsionado pelas sociedades de consumo de massa, mas de considerar que a vestimenta tem diferentes funções e significados, sendo isso que justifica um guarda-roupa com peças diferentes.

Como eles imaginam que poderia ser o guarda-roupa básico da turma? Sugerimos um conjunto de questões para ajudá-los a pensar essa questão.

- Quais são os estados de tempo que vivenciam no lugar onde fica a escola? Dias quentes e secos predominam? Ou chove com frequência? Cai neve em algum período do ano?
- Camiseta de algodão e calça jeans são o uniforme dos jovens em metrópoles mundo afora? Como acontece a padronização das roupas em sociedades urbano-industriais? O que significa vestir-se com cores “neutras” nessas sociedades?
- A combinação de cores é uma expressão das culturas? Como as cores expressam nosso “estado de espírito”? Há significados religiosos na escolha das cores? Que peças de vestuário estão ligadas a rituais em diferentes culturas?
- Quem diz não gostar de moda pode, então, vestir-se sempre da mesma maneira, em todas as ocasiões? A roupa adequada para uma atividade pode ser inadequada a outra ocasião? Por que isso acontece?

Convide os alunos para visitar virtualmente a exposição “Arte na moda: Coleção MASP Rhodia”, que conta com peças de vestuário produzidas na década de 1960 e que são parte do acervo do Museu de Arte de São Paulo.

Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/ZAUx8-9KE1p4JQ?hl=pt-BR>. Acesso em: 4 out. 2023.

FECHAMENTO

O roteiro desafia os alunos a construir um provador virtual, onde experimentem vestir personalidades de destaque na sociedade brasileira.

É esperado que os alunos considerem as condições climáticas para pensar as razões de suas escolhas de vestimentas, mas que reconheçam que apenas isso não explica muita coisa; assim, temos de partir para o campo do simbólico, pois as roupas são muito mais do que uma proteção do corpo às intempéries. Então refaça a pergunta: como eles imaginam que poderia ser o guarda-roupa básico da turma?

Nossa proposta é que os estudantes sejam desafiados a construir um provador virtual com as peças que representem sua turma. E que experimentem vestir personalidades de destaque na sociedade brasileira com essas roupas, de maneira a refletir sobre como a roupa destaca características humanas e também dos lugares por onde circulamos, expressando, por exemplo, formalidade e informalidade

Estas são as personalidades que nós sugerimos para uso em sala de aula:



Maria Firmina dos Reis (1822-1917), escritora, publicou o romance abolicionista *Úrsula* em 1859.



Luís Gama (1830-1882), advogado, jornalista e líder do movimento abolicionista brasileiro.



Antonio Candido (1918-2017), sociólogo, crítico literário e defensor do direito à literatura.



Getúlio Vargas (1882-1954), político brasileiro, governante do Brasil durante o período autoritário do Estado Novo.



Bertha Lutz (1894-1976), bióloga, educadora e ativista pelos direitos políticos das mulheres.



Nise da Silveira (1905-1999), médica psiquiatra e defensora da humanização do tratamento psiquiátrico.



Lélia Gonzalez (1935-1994), antropóloga, escritora e ativista pelos direitos das mulheres e da população preta brasileira.



Abdias do Nascimento (1914-2011), artista visual, dramaturgo e ativista pelos direitos de negros brasileiros.

Cada uma dessas personalidades destacou-se em algo, o que coloca os alunos no desafio de vesti-las; a expectativa é de que eles observem que o “guarda-roupa” da turma expressa suas características e que, portanto, pode ser um desafio imenso vestir personalidades de períodos históricos e atuação pública tão diversos. Esse é o texto que esperamos que os alunos construam ao longo da brincadeira do provador virtual; assim, não nos cabe, como professores, colocar esse texto em suas bocas, mas criar situações para que eles próprios possam elaborá-lo.

Como montar um provador virtual

1. Baixe as imagens dos personagens ilustres. Mantenha a extensão .png do arquivo das imagens, pois ela garante que o fundo da ilustração seja transparente.
2. Fotografem as roupas do “guarda-roupa da turma”. Vale usar peças de vocês e também criar peças de roupas com papel, tecido etc. Ao fotografar, usem um fundo monocromático, como uma parede, pois isso irá facilitar a retirada do fundo da imagem.
3. Use um aplicativo para retirar o fundo das imagens, deixando apenas a roupa com cor e todo o resto da imagem em transparência. Sugerimos os seguintes aplicativos: TouchRetouch, Adobe Photoshop, Background Eraser e PhotoLayers. Salve as imagens com o fundo transparente (atenção: a extensão .jpg não aceita fundo transparente, então você deve evitá-la).
4. Com todas as imagens em mãos, é hora de montar o provador virtual. Nós sugerimos o uso do aplicativo gratuito Jamboard, do Google, para essa montagem, mas você pode encontrar outros. Na tela do Jamboard, insira primeiro a imagem do personagem e, depois, vá colocando as imagens das roupas, experimentando vesti-lo de diferentes maneiras.
5. Prepare uma apresentação do provador virtual para a turma, argumentando a respeito das roupas escolhidas para vestir a personalidade e os resultados que você imagina ter alcançado.

Para fechar, conduza a apreciação dos provadores virtuais e fomente que os alunos argumentem sobre suas escolhas de roupas e os resultados obtidos.

ROTEIRO 3 GALERIA COMPARTILHADA

No mundo contemporâneo, os termos “*fast fashion*” e “*slow fashion*” são cada vez mais mobilizados nos discursos ambientais, pois estão relacionados à velocidade com que se completa o ciclo de vida da roupa, desde a obtenção das matérias-primas até seu descarte.

Desde o início da Revolução Industrial, no setor têxtil inglês do século XVIII, assistimos a um progressivo barateamento do custo das roupas, o que tem como efeito positivo o acesso de camadas sociais mais pobres a vestimentas. No entanto, desde o pós-guerra, quando ganha fôlego a dispersão das fábricas por regiões do globo em industrialização, com mão de obra mais barata, os mercados consumidores mais ricos – Europa e América do Norte, basicamente – passaram a contar com roupas também cada vez mais baratas, ao ponto de as pessoas poderem ter dezenas de peças de vestuário em seus guarda-roupas.

É nesse período, com a ajuda do cinema estadunidense, que se populariza a camiseta branca de algodão e, mais tarde, com o avanço técnico, as estampas personalizadas.

Ficou mais barato comprar camisetas, de tal forma que hoje há relatos de pessoas que não lavam essas peças, simplesmente as descartam após o uso, além, claro, do fato de que muitas camisetas de algodão ficam inutilizáveis após algumas lavagens, devido à má qualidade. Apenas nos Estados Unidos, cerca de 50 milhões de toneladas de roupas são descartadas em aterros sanitários a cada ano; além disso, são mais de 300 milhões de pares de sapatos que têm o mesmo destino anualmente.

Assim, os movimentos ambientalistas passaram a chamar a atenção de produtores e consumidores para a necessidade de produzir vestimentas com maior eficiência ambiental (reduzindo a quantidade de água envolvida, melhorando as técnicas de tingimento, pagando remuneração adequada aos trabalhadores etc.) e também para um uso prolongado das peças pelos consumidores. É o que tem sido chamado de *slow fashion*.

Neste roteiro, trazemos relatos sobre essa questão e sugerimos que, ao final da sequência didática, os alunos sejam convidados a expressar suas experiências com *fast* e *slow fashion*, mobilizando a metodologia do Museu da Pessoa para a construção do relato, uma vez que as roupas podem carregar memórias e histórias.

Este roteiro pode ser usado para trabalhar com os componentes curriculares da BNCC:

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Esse conteúdo pode ser associado às competências da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, presentes na BNCC.

Geografia

O roteiro aborda a globalização e a dispersão das fábricas de roupas por diferentes regiões do mundo.

História

O roteiro faz referência à evolução da indústria da moda, desde o início da Revolução Industrial no setor têxtil até os dias atuais. Isso pode ser associado às competências de História, especialmente no que diz respeito às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas ao longo do tempo.

Sociologia

O roteiro aborda questões de justiça social, como a exploração da mão de obra na indústria da moda. Essas questões estão relacionadas à Sociologia, que estuda a sociedade, as relações de poder e a desigualdade social.

Língua Portuguesa

A produção de relatos pessoais pelos alunos envolve habilidades de escrita, expressão oral e interpretação textual, que são trabalhadas na disciplina de Língua Portuguesa, com foco na comunicação, na linguagem e na produção de textos.

Ciências da Natureza

A ênfase na produção e consumo sustentáveis e os impactos ambientais estão alinhados com conceitos de sustentabilidade.

QUESTÃO DISPARADORA

O que eu tenho a ver com o acúmulo de roupas usadas nos aterros e lixões?

ENCAMINHAMENTO

O trecho de uma reportagem da CNN Brasil pode ser utilizado para abordar o tema dos impactos ambientais da indústria da moda.

De acordo com a revista "Forbes", as roupas *fast fashion* hoje são utilizadas menos de cinco vezes e geram 400% mais emissões de carbono do que roupas de marcas *slow fashion* (que são usadas ao menos 50 vezes).

[...]

Segundo a professora Cristina Sant'Anna, da Faculdade Santa Marcelina, "vivemos numa economia capitalista, baseada no acúmulo de riquezas e extração de recursos naturais de forma predatória e esta economia moldou e transformou a relação homem-natureza, rompendo com a harmonia que outrora existia nesta relação", disse à CNN.

OLIVEIRA, Ingrid. Roupas descartáveis: o novo padrão de consumo na era do "ultra fast fashion". *CNN Brasil*, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/roupas-descartaveis-novo-padrao-de-consumo-na-era-do-ultra-fast-fashion/>. Acesso em: 5 out. 2023.

Utilizar uma roupa ao menos 50 vezes é chamado de *slow fashion*! Este é um dado tão revelador do consumismo atual quanto o que indica um uso de apenas cinco vezes antes do descarte.

Um caminho interessante para pensar sobre isso é pedir que os alunos escolham a peça do vestuário mais antiga que está em uso (não vale usar peças guardadas por questões de memória e afeto) e tentem estimar quantas vezes essa peça foi lavada no último ano; em seguida, peça que eles calculem quantas vezes ela foi lavada desde que começou a usá-la. Você pode ajudar a calcular a média da turma: será que é superior a 50 vezes?

Isso pode dar uma medida para eles avaliarem criticamente os dados da revista Forbes citados na reportagem e também o significado de *fast* e *slow fashion*.

EXPLORANDO RELATOS DE VIDA

Explique novamente aos alunos que, ao longo das propostas, eles vão conhecer alguns relatos pessoais documentados em projetos realizados pelo Museu da Pessoa. A ideia é, por meio desses relatos, ampliar a visão de mundo que eles têm e a realidade que conhecem apresentando pontos que podem ser discutidos.

Para este roteiro, sugerimos a seguir alguns trechos para serem explorados com os estudantes.

Relato 1

Neste relato, a estilista **Laís DA LAMA** conta quando entendeu que a reutilização de tecidos, que fazia por escassez financeira, é uma ação ambiental relevante dentro do setor da moda.



No começo eu não tinha uma visão política, ou uma opinião sobre moda, ou universo da moda, e eu só fui começar a criar essa opinião a partir do momento que eu começo a estudar moda. Então, por exemplo: eu não sabia que, pra fazer um rolo de tecido jeans gastava-se mais de cem litros de água. Não tinha consciência disso. E aí é quando eu começo a estudar, que eu começo a entender que, dentro da moda, você tem o slow fashion e o fast fashion. E o fast fashion são essas marcas que fazem cem camisetas iguais e as vendem num valor no mercado que muitas vezes é muito exorbitante do nosso poder aquisitivo e que a costureira que está por detrás da montagem daquela peça ganha, sei lá, cinco centavos, ou cinquenta centavos pra fazer aquilo.

[...] Quando eu chego no Senac, que eu vou começar a estudar Moda, que eu conheço outras pessoas da área da moda, isso me impactou muito. Então, eu já fazia uma moda de reutilização de material, mas não era 100% pensada nessa questão ambiental, era mais por conta de uma questão de acesso. O acesso que eu tinha era com aquilo, porque eu não tinha poder aquisitivo pra comprar materiais. E eu percebo o quanto eu estava no caminho certo, intuitivamente, e aí eu começo a ter um olhar pra isso com um lado mais político, mais crítico. Acho que a moda, em si, é linda, as possibilidades que você tem de trabalhar com a moda,

mas, ao mesmo tempo, ela é muito avassaladora, ainda tem um lugar muito de não valorizar certas pessoas que estão dentro da moda, principalmente as que estão na parte da produção, da construção, de costura, de modelagem. A gente tem, ainda, infelizmente, notícias de pessoas que trabalham em estados análogos à escravidão, dentro de quartinhos, fazendo 'trocentas' roupas, que depois são vendidas caríssimas e a pessoa não ganha nem um terço por aquilo.

Então, acho que ter essa visão também faz toda a diferença, dentro desse trabalho com a moda. Faz com que eu perceba que tenho que manter a minha essência, que não é porque, a partir do momento que eu tenho conhecimento disso, que eu vou mudar isso. Muito pelo contrário, faz com que eu me agarre, cada vez mais, à minha essência de criação de moda, porque eu percebo que é importante pras pessoas que têm uma identificação com a moda autoral e com uma marca, principalmente, que tem um propósito que é ligado ao ambiente, ambiental, você pagar uma pessoa pra ela fazer algo e ela ser remunerada de uma forma justa. Então, acho que isso faz toda a diferença e era algo que, até então, eu não tinha essa visão. Eu comecei a ter a partir do momento que eu começo a estudar Moda.

Disponível em: <https://x.gd/9O9Y2>

Relato 2

Neste relato, o empresário e estilista **Jum Nakao** conta o impacto do fast fashion em seu negócio.



Então, ter uma marca, literalmente, num primeiro momento, é muita doação, muita dedicação, pra que ela, a empresa possa 'andar com os próprios pés' e um dia trazer algum retorno. A gente estava assim, de 2002 pra 2004, quando eu decidi... ocorreu um tsunami, não foi uma decisão minha. Veio um tsunami, de fora, que foi o processo de globalização e o início do fast fashion, que literalmente devastou com um país tão frágil quanto o Brasil.

Foi o início da 'quebradeira' das indústrias e das marcas aqui no país, que estava levando marcas pequenas e frágeis, que haviam recém-nascido, como a minha, pro 'ralo'. Ou a gente fazia um produto extremamente competitivo, de baixo custo, de baixo valor agregado, pra sobreviver diante daquela situação que vinha de lá pra cá, ou você 'nafragaria', porque o patamar e tudo aquilo que eu havia acreditado, investido e mantido ao longo dos anos, que era busca por excelência, mão de obra de qualidade, tudo aquilo que eu acumulei durante vinte anos, pra jogar na minha marca, deixaram de existir da noite pro dia, porque o que importava era o mais rápido e o mais barato, era o fast fashion que dominava aquela cena, dois anos depois de eu ter começado a minha marca.

E, diante desse cenário, eu decidi fazer o Desfile de Papel, que foi quando eu estabeleci um corte, uma ruptura, porque eu não podia abdicar dos valores e de tudo aquilo que eu acreditava e havia construído e me constituído ao longo de todos os anos da minha carreira, que era entregar excelência e o melhor que um ser humano poderia fazer, por isso eu capacitava todas as empresas, os meus funcionários, investia em qualidade e aquilo tudo deixava de ser o futuro que eu acreditava.

Disponível em: <https://x.gd/jOrrB>

Relato 3

Neste relato, a ativista ambiental **Fernanda Simon Camilo** conta sobre seu primeiro contato com o movimento slow fashion e explica os impactos ambientais da indústria da moda.



E daí, nessa história, teve um momento na Inglaterra em que eu comecei a me dar conta de que existia lá, até foi uma loja, eu me lembro desse dia, tinha uma loja lá em Camden Town, que é um bairro bem alternativo, de roupas de cânhamo. Então, eu falei: 'Nossa, roupa de cânhamo!' E essa era uma loja que vendia algodão orgânico, tecidos naturais.

Quando eu entrei nessa loja, roupa de cânhamo, que é uma planta que é prima da cannabis, que vem da mesma família. Daí, quando eu olhei essa loja, eu falei: 'Nossa, olha só, uma moda que faz sentido'. Eu comecei a realizar que existia um movimento, na verdade era um movimento que também estava começando a se fortalecer, que é o movimento do slow fashion, da moda mais devagar, ao mesmo tempo em que lá na Inglaterra – eu cheguei em 2008 – tinha esse crescimento, esse lugar das grandes fashions, das varejistas. Eu cheguei lá e fiquei muito impressionada com aquelas lojas gigantes, aquele tanto de roupa superbarata, a que todo mundo ia... Você pode ser pobre, você pode entrar numa loja, numa Primark, e comprar muita coisa, porque é tudo muito barato.

Então, as pessoas compram muito, descartam muito, tinha todo esse movimento. Na contramão desse movimento, eu vi que tinha também esse movimento do mais artesanal, da moda mais lenta e mais engajada com a natureza. Daí, nossa, eu fiquei encantada. Conheci essa marca, fui pesquisar, fui vendo outras e vendo que existiam profissionais que falavam sobre isso, que existiam livros sobre isso. E falei: 'Gente, olha só, existe'. Falava de eco fashion, slow fashion, esses termos de moda mais ecológica e tudo o mais.

[...]

Comecei a entender, a estudar, pesquisar a questão do trabalho análogo a escravo do setor, que é algo que acontece há mais de um século. Existem pessoas em trabalhos escravos contemporâneos, fazendo as nossas roupas. Então, comecei a entender tudo isso e a questão também dos impactos ambientais, que essa é uma das indústrias que mais impactam o meio ambiente, das matérias-primas, de onde vêm as matérias-primas. O algodão é uma grande batalha, até, quando a gente fala de moda e sustentabilidade, porque é uma monocultura transgênica; a semente que se usa pra produzir o algodão hoje aqui no Brasil, mais de 99% é semente transgênica, cheia de agrotóxicos; usa mais agrotóxico do que pra produzir milho e soja.

Monocultura, então, é puro agronegócio em terras que muitas vezes eram cerrados, florestas e acabam virando monocultura de algodão, pra gente produzir uma roupa super-rápida, que às vezes as pessoas nem ganham direito pra costurar aquelas roupas, pra gente usar algumas vezes e descartar. Daí tem a questão do lixo têxtil, do pós-uso como uma outra questão da indústria. Quando eu comecei a me dar conta disso tudo, daí, nossa, fui ficando apaixonada mesmo, falei: 'Nossa, cheguei nesse lugar de pegar uma causa mesmo, um ativismo e conectar com a moda'. Que, por um acaso [risos] eu estive lá na faculdade de Moda e tinha essa história com a moda [...] Em 2013, aconteceu um acidente lá em Bangladesh que faz parte da história da moda e da minha história, porque era um prédio que abrigava várias confecções, um prédio de oito andares – e Bangladesh é o segundo maior produtor de roupas do mundo –, produz roupas pro mundo todo e esse prédio desabou, por questões de segurança. Ele já estava com as paredes rachadas, os trabalhadores não estavam confortáveis em estar ali. Mais de mil pessoas morreram costurando roupas e mais de 2 mil pessoas ficaram gravemente feridas. Esse foi um grande marco.

Eu me lembro de estar lá na Inglaterra, nesse dia, pegando o metrô pra ir trabalhar, abrindo o jornal que tem no metrô e vendo o acidente do Rana Plaza, falando que centenas de pessoas morreram costurando roupas. Então, esse acidente foi um grande marco. Eu lembro que já fiquei muito chocada, falei: 'Gente, olha só, onde isso vai parar? Pra onde que a gente vai com essa indústria fazendo roupas desse jeito?' E esse acidente foi o que deu origem ao movimento Fashion Revolution, que foi pensado por profissionais que já faziam parte desse movimento de moda e sustentabilidade na Inglaterra. Duas estilistas já muito antigas se uniram e falaram: 'Não, a gente tem que fazer algo, falar basta, então vamos criar um movimento e mostrar pras pessoas o que está por trás das nossas roupas, pra que a gente pergunte: quem fez minhas roupas?' Até o mote da campanha principal do Fashion Revolution é #quemfezminhasroupas? Então vamos começar a perguntar, fazer um movimento de conscientização. Assim surgiu o Fashion Revolution, depois do Rana Plaza, em 2013, e começou a se espalhar pelo mundo...

Disponível em: <https://x.gd/KAR6m>

O Instituto Fashion Revolution tem uma representação no Brasil e promove diversas ações de conscientização a respeito dos impactos ambientais da moda.

Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/south-america/brazil/>. Acesso em: 5 out. 2023.

Para uma interpretação dos relatos, nossa sugestão é organizar os alunos em pequenos grupos, entregar cópia dos relatos e propor que eles identifiquem as diferenças quanto ao ponto de vista de cada um sobre o significado de fast fashion: eles têm a mesma posição a respeito dos impactos desse setor da moda? Qual é a crítica que cada um traz? Como eles atuam?

É provável que alguns alunos acompanhem com entusiasmo os debates ambientais e possam contribuir para as discussões trazendo para a aula seus saberes e reflexões a respeito do fast fashion. Isso certamente funciona como uma ponte para a proposta de fechamento da sequência, que propõe que os alunos produzam seus relatos.

FECHAMENTO

As discussões dos grupos desembocam, em nossa sequência, na produção de relatos pessoais que abordem as relações dos alunos com a moda.

Nossa sugestão é que os alunos trabalhem em duplas, alternando as posições de entrevistador e entrevistado. Eles podem gravar a entrevista e, em seguida, cada entrevistado transcreve e edita seu relato, produzindo um texto que vai compor a galeria de relatos da turma.

O Museu da Pessoa conta com uma ferramenta para que os relatos possam ser compartilhados com todos. Caso os alunos se sintam confortáveis em compartilhar seus textos, basta acessar o site <https://museudapessoa.org/contacao-de-historia-fluxo/>

Uma forma de registrar as histórias de vida é por meio da entrevista, uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta e ouve. Ao contrário de um interrogatório ou questionário, o que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas.

Trecho retirado de: *Tecnologia Social da Memória: construir histórias*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009. p. 41.

O roteiro a seguir pode contribuir para que os alunos elaborem boas questões para a entrevista. Você pode, inclusive, elaborar com toda a turma as questões, de maneira que as duplas usem o mesmo roteiro de perguntas para realizar a entrevista. A ideia das questões é somente fornecer um caminho, orientar os alunos a incentivar que o entrevistado relate sua experiência de vida em relação aos temas perguntados.

Ao final, pode-se indagar os alunos a respeito do resultado, que seguramente será distinto em cada entrevista, já que o objetivo é a obtenção de dados e informações, tendo como principal característica uma forte variabilidade no andamento da interação entre entrevistado e entrevistador.

O roteiro a seguir é uma sugestão que deve ser debatida, ampliada, reduzida pelos alunos. Os alunos devem privilegiar principalmente o tópico "Experiências pessoais" na condução das entrevistas, caso a realizem com pessoas da localidade relacionadas à moda e ao vestuário.

ROTEIRO

Entrevista sobre Fast Fashion e Slow Fashion

Entrevistado: [Nome da pessoa entrevistada]

Entrevistador: [Nome do aluno entrevistador]

Data: [Data da entrevista]

Local: [Local da entrevista]

Introdução:

Apresentação do entrevistador e propósito da entrevista: ser parte de um projeto escolar relacionado à moda, sustentabilidade e consumo consciente.

Perguntas iniciais:

1. Pode nos contar um pouco sobre seu relacionamento com a moda e como você define o termo "fast fashion"?
2. Você já ouviu falar do termo "slow fashion" antes de nosso estudo? Como o descreveria?

Fast Fashion e sustentabilidade:

3. Qual é a sua opinião sobre os impactos ambientais causados pelo fast fashion?
4. Você acredita que o fast fashion é uma ameaça para o meio ambiente? Por quê?
5. Como você acha que as roupas fast fashion afetam as pessoas que trabalham na indústria da moda?

Slow Fashion e sustentabilidade:

6. Como você vê o movimento do slow fashion em relação à sustentabilidade e ao consumo consciente?
7. Quais ações ou escolhas você acredita que são mais sustentáveis no contexto do slow fashion?
8. Você acha que o slow fashion pode ser uma solução para os problemas causados pelo fast fashion?

Experiências pessoais:

9. Você já teve alguma experiência usando roupas de fast fashion? Se sim, como foi?
10. Você já teve alguma experiência usando roupas de slow fashion? Se sim, o que achou?

Conscientização e mudança:

11. O que você acha que pode ser feito para conscientizar as pessoas sobre os impactos da moda rápida e da moda lenta?
12. Como podemos incentivar a mudança de hábitos de consumo em relação às roupas?

Conclusão:

13. Existe algo mais que você gostaria de compartilhar sobre moda, sustentabilidade ou o impacto da indústria da moda na sociedade?

Agradecimento e encerramento:

Os alunos/entrevistadores devem agradecer ao entrevistado pela participação na entrevista e pela contribuição para o projeto escolar.

Durante a etapa da entrevista, encoraje os alunos a fazerem perguntas de acompanhamento com base nas respostas do entrevistado para aprofundar a discussão e obter insights mais detalhados.

Após a realização da entrevista, os alunos devem seguir uma etapa subsequente para editar, revisar e publicar o conteúdo coletado. Essa etapa pode ser dividida em várias partes que envolvem a aplicação de habilidades de Língua Portuguesa e podem ser relacionadas com a BNCC.

Etapa 1: Transcrição da entrevista

Transcrição da gravação: se a entrevista foi gravada, os alunos devem transcrever o áudio para um documento de texto. Isso requer habilidades de audição, escrita e digitação. Incentive o uso da tecnologia com o uso de processadores de texto, há ferramentas gratuitas para esse uso e armazenamento, como o Google Docs.

Transcrição manual: caso a entrevista tenha sido conduzida por anotações em papel, os alunos devem revisar e transcrever essas anotações para um documento de texto. Novamente, isso envolve habilidades de escrita e organização.

Etapa 2: Revisão e edição

Revisão de conteúdo: os alunos devem revisar a transcrição para garantir que todas as informações relevantes estejam presentes e que a entrevista seja coerente e compreensível.

Edição de linguagem: eles devem aprimorar a redação, verificando a gramática, a ortografia e a clareza da linguagem. Isso envolve o uso de habilidades relacionadas à BNCC, como a competência em leitura e compreensão de textos.

Organização: organizar a entrevista em uma estrutura lógica, como a introdução, os tópicos discutidos e a conclusão.

Nesta etapa, faça uma leitura e correção de dificuldades específicas do grupo. Para isso, pode fazer revisões coletivas das dificuldades apresentadas pela maioria, bem como a troca de textos em duplas para que um indique pontos de melhoria no texto do outro.

Etapa 3: Criação de um relato

Escolha do formato: com base no objetivo da entrevista, os alunos devem decidir qual formato será mais adequado para apresentar a entrevista. Neste caderno, a escolha foi a de usarmos a forma de relato.

Escrita do texto final: os alunos devem usar a transcrição revisada e editada para criar o texto final no formato escolhido. Eles devem se certificar de que a entrevista flua de maneira lógica e que todos os pontos importantes sejam destacados.

Etapa 4: Revisão final

Revisão final: os alunos devem revisar o texto final quanto a erros de ortografia, coesão e coerência.

Inclusão de recursos visuais (opcional): se relevante, os alunos podem incluir imagens, gráficos ou outros recursos visuais que ajudem a ilustrar os pontos discutidos na entrevista.

Etapa 5: Publicação e apresentação

Publicação *on-line* (se aplicável): se a escola permitir, os alunos podem publicar o relato em um blog da escola, *site* da turma ou outra plataforma *on-line* como a sugerida do Museu da Pessoa.

Apresentação: os alunos podem ser convidados a apresentar seu trabalho aos colegas de classe, professores ou até mesmo aos familiares. Isso desenvolve habilidades de comunicação oral.

Etapa 6: Discussão e reflexão

Discussão em grupo: após a publicação e a apresentação, os alunos podem se reunir para discutir o projeto, compartilhar suas experiências e refletir sobre o que aprenderam com a entrevista e todo o processo.

Cada etapa deve ser orientada e monitorada pelos professores de Língua Portuguesa, que podem fornecer orientação mais aprofundada a cada dificuldade apresentada pelos alunos.

A discussão e reflexão finais são essenciais para a compreensão mais profunda das questões relacionadas à moda, sustentabilidade e consumo consciente, bem como para a aplicação prática das habilidades de comunicação adquiridas, como comunicação, escrita, revisão e organização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília MEC, 2018.

DADOS gerais do setor (atualizados em janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 30 set. 2023.

EXPOSIÇÃO do Museu da Pessoa no Google Arts. <https://artsandculture.google.com/story/fwVx4NTFLFDxKg>. Acesso em: 30 out. 2023.

MUSEU DA PESSOA. São Paulo [20-]. *SITE OFICIAL*: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 25 out. 2022.

OBJETIVOS. In: BRASIL. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br>. Acesso em: 30 set. 2023.

PESQUISA Setor/Segmento Indústria da Confecção. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Pesquisas/Indu%CC%81stria%20da%20Confec%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TECNOLOGIA Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa; Fundação Banco do Brasil; Abravideo, 2009. Disponível em: https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

Vidas em Costura



ISBN: 978-85-60505-60-9



9 788560 505609

Apoio



instituto 

Patrocínio



Realização

MUSEU DA
PESSOA

CULTSP

Secretaria da  **SÃO PAULO**
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS